

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ” ESALQ-USP
LES0237 - SOCIEDADE, CULTURA E NATUREZA

Grupo: Ana Leme, Carolline Pupin , Dara Amorim, Léa Taby, Leticia Palumbo e Osmar Risse.

T6: Os problemas fundamentais da humanidade sob a perspectiva de Boaventura de Souza Santos (2005)

Se a sociedade contemporânea, sobretudo a capitalista avançada, defronta algum problema fundamental, é antes de tudo, o problema de não ser possível pensar os problemas fundamentais.

O autor:

Boaventura de Sousa Santos nasceu em 1940 na cidade de Coimbra em Portugal. Estudou na Faculdade de Direito de Coimbra, onde concluiu sua licenciatura. Realizou pós-graduação em Filosofia em Berlim e doutorado em Sociologia na Universidade de Yale. Atualmente, é professor universitário na Faculdade de Economia da sua cidade natal, na qual é diretor do Centro de Estudos Sociais. Trata-se de um dos principais intelectuais contemporâneos das ciências sociais, reconhecido por sua proposta de uma Sociologia das Emergências, preconizando a valorização da pluralidade de facetas culturais.

Abordagens em torno dos problemas fundamentais da humanidade

Considerando os problemas fundamentais em diferentes espaços-tempo (doméstico, da produção, da cidadania e mundial), Boaventura de Sousa evidencia em sua obra desafios da sociedade contemporânea. Neste texto, o foco se dirige ao espaço-tempo mundial. Num primeiro momento, o autor identifica diferentes abordagens sobre estes problemas fundamentais da humanidade, apresentando quatro grupos de pensadores:

1. A primeira posição é aquela do grupo do qual faz parte Fukuyama (1992) que ganhou grande notoriedade em seu livro intitulado *O fim da história*. Este grupo de autores considera que a sociedade liberal capitalista neutralizou a forte oposição dos

movimentos socialista e comunista. Assim, o capitalismo teria resolvido seus principais problemas, tornando-se imune às mudanças sociais.

2. Uma segunda posição é a abordagem próxima ao “pós-modernismo reconfortante”. Para autores deste grupo, o problema fundamental da humanidade seria a impossibilidade de pensar sobre seus problemas fundamentais. A sociedade de consumo, a cultura de massa e a revolução informática e comunicacional superficializou tanto as condições de existência como os modos de pensar. O tratado sobre simulacros e simulações de Baudrillard (1991) é ilustrativo desta visão. Nesta obra, o autor ressalta que o ambiente está contaminado pela intoxicação midiática, criando distúrbios de percepção da realidade, deixando a impressão de que esta última é irrelevante para a compreensão de nossas vidas.
3. Já um terceiro grupo de cientistas privilegia os questionamentos sobre os pressupostos epistemológicos da modernidade. Assim, a racionalidade cognitivo-instrumental e o conhecimento técnico-científico, fundados na distinção de sujeito e objeto, na objetividade como neutralidade e na visão mecanicista da natureza e da sociedade, seriam os grandes responsáveis pelo abandono da reflexão sobre os problemas fundamentais da humanidade. A propósito, o texto de Darcy Ribeiro (1995) sobre os doutores é pertinente para caracterizar este pensamento: “há muita gente especializada que, sem ser sábio, sabe alguma coisinha. O diabo é que, quanto mais aprofundam no saber do que sabem, mais ignorantes ficam no resto”.
4. O quarto grupo, apresentando posição mais heterogênea, é composto por cientistas que associam o problema fundamental da sociedade contemporânea ao avanço do capitalismo e o consequente esgotamento das virtualidades de desenvolvimento social. Centram sua análise no bloqueio de soluções em razão da erosão dramática dos mecanismos institucionais e culturais que corrigiam e compensavam os excessos e défices sociais do desenvolvimento capitalista. Autores deste grupo procuram conceber alternativas: ecológicas, sociopolíticas, socioeconômicas e de governança transnacional.

Após elencar estas abordagens sobre os problemas fundamentais da humanidade, Boaventura de Souza Santos identifica os contornos das graves questões em torno da explosão demográfica, da globalização de economia e da degradação ambiental. É transversal a todos estes problemas a aparentemente irreversível polarização Norte e Sul, ou seja entre países centrais e periféricos no sistema mundial.

Explosão Demográfica: desde a revolução industrial, o crescimento demográfico se acelera cada vez mais. Atualmente, é característica marcante de países periféricos, agravando desequilíbrios entre as necessidades da população e os recursos naturais e sociais. Nestes países, as condições precárias de sobrevivência, associadas a serviços sociais mínimos, levam à escolha pela imigração, que provocam nos países centrais maior controle de fronteiras, xenofobia e racismo.

Globalização da economia: neste âmbito ocorre uma “neocolonização” dos países do Sul que continuam a ser explorados pelo Norte. A perda da eficácia do Estado na gestão macroeconômica ocorre em paralelo ao crescimento do poder de empresas multinacionais (agentes primordiais do “mercado global”) que mobilizam tecnologia (biotecnologia, robótica, informática, automação) para agregar valor às matérias primas que são fornecidas por países do Sul, agravando suas dificuldades. Neste quadro, há um colapso econômico dos países periféricos, tornando-se dependentes de programas de ajustamento neoliberal do Banco Mundial e do FMI.

Degradação Ambiental: Apesar de ser uma questão intrinsecamente transnacional, os problemas ambientais são negligenciados pelos países do Norte que não querem abandonar seus padrões de produção e consumo, explorando ainda mais os países do Sul. Assim, a degradação ambiental está interligada ao avanço capitalista, consistindo por exemplo em intensificação de culturas agrícolas de exportação com técnicas que provocam erosão dos solos, desmatamento, escassez hídrica, perda de biodiversidade. Diante deste cenário, muitos governos paradoxalmente veiculam um ceticismo ambiental, como é o caso do presidente do Brasil Jair Bolsonaro que propõe desconstruir as políticas ambientais.

O tratamento adequado destes grupos de problemas enfrenta uma série de dilemas que podem ser resumidos em quatro eixos:

- O modelo capitalista hegemônico nos países centrais beneficia uma pequena minoria, enquanto seus custos recaem sobre todos. Apesar de sua insustentabilidade, é este modelo que se apresenta como padrão de conforto e bem-estar a ser alcançado pela população de todo o planeta.

- O segundo dilema se refere aos bloqueios para soluções globais diante dos problemas fundamentais da humanidade, que requerem solidariedade dos países ricos em relação aos pobres e da geração presente para com aquelas futuras. Porém, a lógica econômica se funda em visão de curtíssimo prazo e os países ricos não se veem como responsáveis ou devedores para com nenhum país.
- O terceiro dilema é que a perda da eficácia reguladora dos Estados nacionais não é acompanhada por aumento de poder de instâncias transnacionais capazes de propor soluções solidárias, bloqueando as possibilidades de emancipação e transformação social.
- O quarto dilema é a imposição da pauta da democracia representativa e dos direitos humanos para os países periféricos, sem que as relações internacionais se tornem mais democráticas.

Referências Bibliográficas:

BAUDRILLARD, Jean (1991), *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio d'Água.

FUKUYAMA, Francis (1992), *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco.

RIBEIRO, Darcy (1995), *Noções de coisas*. São Paulo: Global editora.

SANTOS, Boaventura de Souza (2005), *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez.